

ENTENDENDO O CONCEITO DE *SELF*

META

Explorar como se dá o processo da construção da auto-estima e autoconceito e apresentar o conceito de vínculo e habilidades interativas.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer o conceito de auto-esquema e descrever o processo de diferenciação da criança;

conhecer o conceito de self e diferenciar o self subjetivo do objetivo;

definir vínculo afetivo e apego;

sobre descrever as modificações que ocorrem no comportamento de apego.



INTRODUÇÃO

Olá caro aluno, na última aula estudamos a personalidade e os fatores que contribuem e favorecem para o seu desenvolvimento. Na aula de hoje daremos continuidade aos estudos do indivíduo com o foco no entendimento dele mesmo.

Retornaremos o conceito de *Self* e o estudaremos em seus aspectos subjetivos e objetivos na tentativa de entender o seu funcionamento. Veremos ainda como se desenvolve o autoconceito de uma criança e como esta se manifesta na escola, tentando compreender, a partir disto, como os professores devem agir diante de tantos alunos diferentes, sempre buscando uma relação saudável que leve à aprendizagem.

Conheceremos também o conceito de auto-estima que tanto ouvimos falar nas escolas, iremos discutir a construção dos vínculos sociais, a sua importância para a vida humana e os cuidados necessários para um bom desenvolvimento social.

Você sabia que já nascemos com uma estrutura preparada para o relacionamento, em outras palavras, com uma grande fome social? Queremos e buscamos o outro como fonte de conforto, amor e segurança, ou para extravasar nossas angústias e lamentos.

A base da sociedade se fez nas relações, e o seu crescimento se mantém neste princípio. Isto é muito bem observado de uma forma geral. Se observarmos pequenos grupos poderemos identificar diferenças nas formas de relacionamento e convívio.



(Fonte: <http://segredodagulha.blogspot.com>).

ENTENDENDO O CONCEITO DE *SELF*

Olá caro aluno, vamos iniciar o nosso estudo com o significado de *Self*. Esta é uma palavra que não possui um correspondente em português, mas que significa “si mesma” e é muitas vezes traduzida como “eu”.

Vamos entender a diferença entre personalidade e *Self* para que possamos dar continuidade sem fazer confusão.

A personalidade consiste num conjunto de elementos que caracteriza o ser e fundamenta suas ações além de caracterizar o modo que cada um tem de ver o mundo. O *Self* é mais amplo. É a essência, ou melhor, noção de consciência de quem somos, e pode ser expresso pelas idéias que a própria pessoa tem dele mesma (BEE, 2003). Esta colocação será melhor discutida mais adiante.

Antes disto vamos fazer um pequeno exercício para que você saiba o quanto conhece do seu *Self*, ou seja, de si mesmo. Pode parecer uma brincadeira boba mas tem muito a dizer. Para isto você deverá dar vinte respostas diferentes para a pergunta “Quem sou eu?” Será que você consegue?

Caso você não encontre vinte respostas faça o máximo possível. Quanto maior a dificuldade para dar respostas menos conhecimento se tem de si mesmo.

As respostas que você colocou representam aspectos do seu autoconceito, Piaget chamaria de auto-esquema, lembra de esquema? Estas características funcionam como parâmetro para as nossas relações com o mundo e a forma como fazemos escolhas. Constituem a base do nosso conhecimento sobre o nosso envolvimento e as nossas relações com o mundo.

Vamos ver então como tudo isto funciona.

INICIANDO O ENTENDIMENTO

Para entendermos bem este assunto é preciso, caro aluno, que façamos uma explanação sobre alguns teóricos já conhecidos que falam sobre desenvolvimento das crianças.

Freud, Piaget e Moreno nos mostram que ao nascer a criança se encontra num estado que é conhecido como fase de indiferenciação. Mas, o que vem a ser isto? A indiferenciação neste caso, caro aluno, é o estado em que a criança ainda não se diferenciou dos demais elementos que existem ao seu redor. Podemos dizer de uma forma mais simples, que ela está misturada com tudo. Mas como assim?

Preste atenção caro aluno, não estamos querendo dizer que ela está realmente misturada e sim que a criança não tem **consciência** do que ela é,

Consciência

Soma total das experiências conscientes de um indivíduo em um determinado momento. É a *dimensão subjetiva da atividade psíquica* do sujeito que se volta para a realidade. Na relação do eu com o meio ambiente, a consciência é a capacidade de o indivíduo entrar em contato com a realidade, perceber e conhecer os seus objetos. (DALGALARRONDO, 2007, p. 63).

e nem do que são as demais coisas ao seu redor. Sendo assim, ela não se diferencia, se ela está com fome e a comida chega, ela não sabe que alguém (mãe) a colocou para mamar. Esta noção só será possível com o desenvolvimento de esquemas cognitivos e do surgimento da noção de *self*.

Isso acontece porque ainda não possui nenhum registro cultural e nem tem a sua capacidade se simbolizar desenvolvida. Ela depende de suas sensações e percepções básicas, dos movimentos restritos e dos cuidados dos adultos.

A sua ligação maior (inicialmente) é com a mãe pois é com ela que ele passa momentos mais intensos como o da amamentação, em que, como já vimos, a criança aprende a identificar o cheiro, a textura da pele, o som da voz.

À medida que ela vai crescendo e formando esquemas para todas as coisas ela ganha a condição de assimilar os diversos estímulos que chegam e assim, vai compreendendo a existência das coisas.

Freud e a psicanálise dizem que esta é a fase em que a criança vive numa simbiose com a mãe, como se fossem um só. Moreno usa o termo duplo (dublê) para explicar que a dependência da criança é tão grande que necessita de alguém para executar todas as ações necessárias a sua sobrevivência.

À medida que cognitivamente a criança vai se desenvolvendo, ela vai aprendendo a controlar e a observar as conseqüências deste movimento, estamos falando da fase sensório-motor que você já conhece.

Observe caro aluno, se você é um ser ainda sem nenhum conhecimento do mundo e aos poucos vai se movimentando e sentindo este movimento, percebendo que tais movimentos provocam alterações em seu corpo e no meio, que você lembra isto mesmo que de forma simples, então, você passa a comandar estes movimentos. Até aqui nada que você não saiba.

Mas, à medida que você controla um braço aqui, uma perna ali, a rotação do pescoço, os olhos... Vai criando vários esquemas que se fundem num grande esquema central, que é o auto-esquema. Estamos assim iniciando o longo caminho que nos levará ao surgimento do *Self*.

A fase sensório-motor de Piaget corresponde à fase oral de Freud, em que a criança leva tudo que encontra à boca. Isto se dá porque esta é a área do corpo que se encontra mais sensível neste período da vida, e é fundamental que as energias estejam voltadas para lá, já que a criança precisa se alimentar e no início da vida isto acontece por meio do reflexo de sucção da boca.

A partir do que vimos até aqui, a boca sendo um centro das atenções da criança, faz com que a maior parte dos seus movimentos sejam articulados (centralizados) para lá. Costuma-se dizer que a criança conhece o mundo pela boca.

Esta centralização com certeza fortalece o auto-esquema. Moreno chama esta fase de 1º Universo de desenvolvimento infantil. Nesta fase a

criança vivencia o seu corpo de forma integral. Se ela chora, nada mais importa, ela é o choro, se sente fome, ela é a fome, se está sorrindo ela é o sorriso, se algo chama a sua atenção ela desvia para o novo alvo e fica lá (caso seja algo que prenda sua atenção).

Esta dedicação integral para o que está sendo vivido no momento é o que Moreno chamou de fome de atos e aqui todas as ações são movidas pela espontaneidade. Quando algo é feito de forma espontânea você não consegue repetir da mesma forma, nem lembra todos os movimentos que fez. Você pode até refazer a ação, mas não será da mesma forma. A espontaneidade te dá condições de reunir a maior parte dos elementos necessários para fazer algo, e muitos destes elementos você utiliza sem perceber como as expressões faciais e os gestos.

Com a criança é assim, ela faz com todas as condições que tem (mesmo que sejam poucas em comparação com um adulto). Estas ações corporais também contribuirão para a formação do auto-esquema.

BEE (2003) nos mostrou que outro grande contribuidor dos estudos sobre o *Self* foi Willian James (1890-1892). Ele estabelece dois aspectos do *Self* que serviram de base para vários estudos. Segundo a autora ele nos mostra que o *Self* pode ser dividido em duas partes o “eu” e o “mim”.

O *Self* “eu” seria o *self* subjetivo e o “mim” o *Self* objetivo. O primeiro descreve o senso de existência, “eu sou”, eu existo. Neste aspecto ele traz características da consciência, função psíquica descrita por Dalgalarondo (2007) como pode ser observado no box da página anterior. O segundo descreve o conjunto de características (propriedades e qualidades) que podem ser conhecidas de uma pessoa (características físicas, temperamento, habilidades sociais...). Com o 1º você sabe que existe, com o 2º você sabe quem é.

De acordo com BEE (2003), foi o *self* mim que ficou conhecido como autoconceito, pois, é este que concentra as referências e os conhecimentos sobre si mesmo. Uma questão que deve ser apontada é que esta divisão não envolve uma independência, não são tipos distintos de *Self*, esta divisão é didática, é uma unidade que apresenta duas funções como nos mostra a autora:

É o *self* “mim” que passou a ser chamado autoconceito – a série de idéias ou crenças que cada um de nós tem sobre as próprias qualidades. Contudo, é o *self* “eu” que *cria* o autoconceito, que *tem* as crenças e as idéias sobre si mesmo. Então, quando você se descreve para alguém ou quando responde à pergunta “Quem sou eu?” que fiz no início do capítulo, é o “mim” que você está descrevendo, mas é o “eu” quem está fazendo a descrição. (BEE, 2003, p. 319).

Deu para entender? O autoconceito (*Self* “mim”) depende do *Self* “eu” (subjeto) para funcionar. Caso haja dúvidas é só reler a definição de consciência para entender as ações do *Self* “eu”.

Um ponto importante que devemos tocar aqui é que as informações que serão assimiladas e acomodadas ao auto-esquema não dependerão somente da criança, mas também daqueles que o cercam, do meio social em que vive e da cultura que predomina em seu contexto. Falamos isto porque os parâmetros que a criança tem para o entendimento de tudo que está ao seu redor e dela mesma lhe são fornecidos em suas relações sociais ou no acesso a informações.

Moreno (1997) nos mostra isto de forma clara quando fala do desenvolvimento dos papéis da criança. Este desenvolvimento se dá em três fases (duplo, espelho e inversão de papéis) sendo que, para o nosso exemplo, falaremos da segunda.

A fase de espelho constitui um momento na vida da criança em que esta está se reconhecendo e aprendendo sobre si mesma. Nesta época, por volta dos três, quatro e cinco anos ela ainda não tem condições de comparar e deduzir a partir de informações abstratas, sendo assim, ela vai acreditar e tomar como verdade aquilo que dizem ou lhe apresentam. Em resumo ela acreditará que é aquilo que dizem que ela é. É como se os pais, nesta época, fossem um grande espelho, pois são eles principalmente que ajudam a criar a imagem da criança.

O desenvolvimento psicológico da criança é realmente algo complexo, como se não bastasse a complexidade do desenvolvimento do organismo. Acompanhe comigo:

- O organismo se desenvolve a partir de duas células.
- Ocorrem milhares de processos para que o ovo se transforme nove meses depois numa criança.
- Até nascer, existem diversos fatores externos e internos da mãe, além de diversos fatores celulares da criança que podem por em risco o seu desenvolvimento.
- Nascida, a criança continua a se desenvolver, pois ela

não nasce pronta (músculos, ossos, sistema nervoso, pelos, sistema endócrino, sistema sensorial...).

- As suas funções cognitivas vão se desenvolvendo na medida que o corpo lhe oferece condições e o meio lhe estimula.
- A criança aos poucos vai aprendendo a ler e a dar significado ao que está ao seu redor e abandona a fase de indiferenciação rumo à diferenciação (ela é um ser separador de tudo), se reconhece e reconhece os outros.
- Este é o primeiro passo para a formação do auto-conceito que



será o conjunto de informações que ela tem sobre si mesma, e estas estarão ancoradas no auto-esquema.

- Podemos dizer que ao autoconceito estará atrelada, futuramente, a sua personalidade que para se constituir necessita dos resultados da integração de como este autoconceito se relaciona e sofre interferência do mundo.

- As interferências sofridas pelo mundo irão depender em parte do que o mundo espera desta criança e em parte de como a criança entende o que o mundo espera dela.

- Este entendimento sofre interferência direta do seu temperamento.

Acredito, caro aluno, que não falei de tudo neste pequeno resumo. Some a isso toda a questão da aprendizagem e as várias diversidades de situações que sofre uma pessoa durante a sua vida.

ATIVIDADES

O que é o auto-esquema e qual a sua importância para o surgimento do *self*?



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Estamos aqui recorrendo a um termo de Piaget. O auto-esquema é um esquema centralizador que reuni os elementos que favorecem o nosso reconhecimento. Com a sua formação a criança vai se tornando autônoma e confirma o processo de diferenciação, desenvolvendo a noção de que é um elemento entre tantos outros. Com isto, os caminhos estão abertos para a solidificação do *self*.

O SELF SUBJETIVO

BEE (2003) nos mostra que as teorias concordam que durante o primeiro ano de vida o bebê começou a demonstrar as ações do Self subjetivo, e muitos acreditam que, mesmo indiferenciada a criança traz em si elementos não visíveis que formarão a base do seu “eu”.

A maioria dos estudantes de hoje questionaria a afirmação de Freud sobre o vínculo simbiótico entre o bebê e a mãe, no qual ele não tem nenhum senso de ser separado da mãe (Harter, 1998). Eles afirmariam, na atualidade, que desde o início o bebê possui um senso primitivo de ser separado (BEE, 2003, p. 320).

Para estes, desde cedo existe um movimento do bebê que leva ao surgimento posterior da consciência e do controle sobre os atos e pensamentos. Isto começa a ficar visível em algumas ações do bebê que já foram descritos nesta aula (controle dos movimentos e efeitos provocados no meio) e na aula 4, de desenvolvimento cognitivo do (reações circulares).

Piaget argumentava ainda, que um elemento crítico no desenvolvimento do *self* subjetivo é o entendimento da permanência do objeto, entre 9 e 12 meses. Assim como o bebê começa a entender que a mãe e o pai continuam a existir quando estão fora de vista, ele compreende – pelo menos de uma maneira preliminar – que *ele* existe separadamente deles e que tem alguma permanência (BEE, 2003, p. 320).

SELF OBJETIVO (AUTOCONCEITO)

Vimos que aos poucos o *Self* subjetivo vai se montando até se tornar o centralizador consciente de todas as ações da pessoa. Este é o primeiro passo para o entendimento de quem ela é no mundo. Vejamos agora o que BEE (2003) nos diz sobre o *Self* objetivo:

O segundo grande passo é a criança compreender que ela também é um *objeto* no mundo. Assim como a bola tem propriedades – é redonda, rola, transmite à mão uma determinada sensação – o *self* também tem qualidades ou propriedades, tais como gênero, tamanho, um nome ou qualidades como timidez ou ousadia, coordenação ou falta de jeito. Essa *autoscência* é a marca registrada do “*self*-mim. (BEE, 2003, p. 320)

O surgimento do autoconceito é apontado por diversos estudiosos como algo que surge entre o décimo quinto e o décimo oitavo mês. A autora nos mostra como podemos verificar no bebê se o autoconceito já está surgindo, se ele já tem consciência de quem é.

É um experimento simples, e se por acaso você tem em casa um bebê entre 9 e 25 meses você pode tentar. Você vai precisar de um espelho, um

pano limpo e um batom (anti-alérgico). Observe que a diferença de idade do bebê produzirá efeitos diferentes como será discutido mais adiante.

Você deverá colocar a criança diante do espelho e deixá-la diante da imagem por algum tempo. Ela deverá reagir rindo, fazendo careta, buscando a interação com a imagem.

Após algum tempo, você passará o pano no rosto do bebê como se estivesse limpando e com o dedo melado de batom, você deverá sujar a ponta do nariz da criança. Após realizar esta ação você deverá permitir que a criança olhe para o espelho enquanto você aguarda a reação.

Na pesquisa realizada, surgiram duas respostas consideradas. Na primeira a criança pode tocar o nariz da imagem no espelho atraída pelo novo estímulo, na segunda pode tocar o próprio nariz, indicando que sabe que é lá que está o novo estímulo. No estudo realizado nenhuma criança com até 12 meses tocou o próprio nariz, já no grupo das crianças de 21 meses observou-se que três quartos delas tocavam o próprio nariz demonstrando assim, que já possuíam certo nível de autoconhecimento.

Isto também pode ser verificado quando uma criança, ao ver uma foto sua, refere-se a ela com o seu nome, mostrando que se reconhece. As duas condições podem ser encontradas juntas na metade do segundo ano de vida (BEE, 2003).

Quando as crianças atingem este grau de desenvolvimento, elas sentem que são donas de si e querem fazer tudo o tempo todo, não gostam de ficar no colo e se mostram no geral muito ativas.

Infelizmente alguns pais que não compreendem esta situação consideram que os filhos são impossíveis, e em muitos casos, por não terem se preparado ou por falta de paciência, recorrem à pancada na tentativa de conter a criança.

Já próximo do final dos dois anos a criança começa a apresentar emoções como a vergonha, o embaraço e o orgulho o que significa que, além de ter o mínimo de autoconhecimento formado, ela tem também conhecimento de alguns padrões de comportamento e conduta e se compara a eles. Ela aprende a julgar a si mesma e a fazer uso de adjetivos.

Você deve estar percebendo, caro aluno, que a idade de dois anos é carregada de novidades. Observa-se que é neste período que a criança reconhece o seu nome como algo que a identifica e não somente como a expressão de um som que chama a sua atenção. Nesta época ainda, algumas são capazes de afirmar se são meninos ou meninas.

Entre cinco e sete anos, a época que caracteriza a idade pré-escolar, a criança já é capaz de se descrever de forma bem completa em algumas dimensões. Elas geralmente apresentam esta noção com o desempenho de tarefas que estão ao seu alcance. A criança pode dizer e demonstrar que sabe montar um quebra-cabeça, correr bem rápido, pular um objeto, fazer amizades, etc. aqui ela está falando de suas capacidades.

“No início do 2º ano, a criança também parece tornar-se consciente de si mesma como participante de jogo social. Por volta dos dois anos, ela já aprendeu vários “roteiros” sociais – rotinas de jogos ou interações com outras pessoas de seu mundo. Case (1991) salienta que ela passa a ter uma certa compreensão implícita do próprio papel nesses roteiros. Assim, ela começa a pensar em si mesma como “ajudante” em algumas situações ou como “chefe” quando está dizendo a alguma outra criança o que fazer. Isto pode ser visto de modo evidente no brincar sociodramático do pré-escolar, o qual começa a representar papéis explícitos: “Eu sou o papai e você é a mamãe” ou “Eu sou a professora”. Como parte do mesmo processo, o pré-escolar compreende ainda, pouco a pouco, o seu papel na rede de papéis familiares. Eles tem irmãs, irmãos, pai, mãe, e assim por diante.” (BEE, 2003, p. 322).

Perceba que o autoconceito na idade pré-escolar se manifesta de forma concreta, o que está de acordo com o desenvolvimento cognitivo da criança. Ela focaliza no que pode ser observado (se é menino ou menina, onde mora, quem corre mais, quem pula menos).



ATIVIDADES

Diferencie *self* subjetivo de *self* objetivo.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Podemos afirmar que o *self* é um só e que a divisão é uma proposta didática para facilitar o entendimento de dois de seus aspectos. Sendo assim, o aspecto subjetivo do self trás a idéia de que existo, que sou um ser único e diferente, porém semelhante aos demais, já o aspecto objetivo trará a idéia de quem sou. Sou uma pessoa com certas características, qualidades, defeitos. Gosto de correr, conversar, estudar... Ele reúne as características do ser que existe no mundo.

A CRIANÇA EM IDADE ESCOLAR

Como será o autoconceito de crianças que está entre seis e doze anos de idade? Você saberia descrever a partir do que foi visto até agora na aula e no que foi visto na aula 5?

BEE (2003) nos mostra que se até os seis anos a criança pode se qualificar como esperta, aos dez ela irá dizer que é mais esperta que os outros, ou que é o melhor na turma. Ela aprende a se definir por comparação. Isto acontece devido a transição de um autoconceito concreto para um mais abstrato, mais geral, o que possibilita as comparações.

Ele passa a observar também as suas características internas e as utilizadas no momento de se descrever. Uma criança menor pode se apresentar dizendo que tem olhos castanhos, cabelo escuro. Já uma maior pode começar dizendo que é sincera ou carinhosa, além de confirmar suas características físicas.

À medida que vai crescendo é isso que vai se definindo como condição de apresentação perante os demais.

Poderemos perceber o quanto a idéia de comparação se estabelece na construção do autoconceito nesta idade. BEE (2003) nos mostra que os professores incentivam esta situação fazendo comparações entre os alunos a partir do comportamento e das notas. A autora nos mostra ainda que esta comparação, mesmo quando sutil, pode produzir grandes resultados para o desenvolvimento da aprendizagem.

Particularmente, não vejo totalmente com bons olhos a educação por comparação. Devemos esclarecer que os dados da autora foram construídos na sociedade norte-americana, em que a disputa e a concorrência são elementos fortes da cultura e a competição é muito utilizada como referencial de capacidade entre as pessoas.

No caso da nossa realidade, a comparação pode ser utilizada de forma indireta, mais geral como na oferta de uma nota que pode ser alcançada por todos e não como instrumento direto que possa humilhar o aluno ou torná-lo prisioneiro de pressões sociais. Não entendeu? Vou explicar.

Utilizamos a comparação de forma indireta quando mostramos ao aluno os benefícios que o estudo, a Educação e a dedicação podem trazer para o futuro de uma pessoa, sem com isso, criar ilusões do tipo, “quem estuda consegue tudo na vida”. Mostramos a elas o exemplo de pessoas que conseguiram se formar seja o professor, o diretor, um artista, um médico, um engenheiro, um farmacêutico, como também de pessoas que se tornaram bem sucedidas mesmo sem o ensino superior. Que a dedicação às suas escolhas criarão maiores chances de sucesso.

Se a comparação for feita em sala de aula deve ser feita com muito cuidado, pois, o que parece simples pode ser complicado. Quer ver um exemplo? As famosas listas de colocação por nota. Vamos entender como funciona.

Algumas escolas publicam a nota dos dez primeiros alunos da sala após a prova. Esta é uma forma de destacar aqueles que se saem melhor e por isso, considerados os melhores alunos. É uma forma de comparação, e a escola espera aumentar o rendimento dos demais apostando que todos querem fazer parte da lista.

A princípio não há problemas evidentes em se fazer isto, mas é preciso cuidado. Já vi algumas turmas que eram unidas se separarem por conta de concorrência. Neste caso, os que sempre estavam próximos, mas nunca entravam na lista se sentiam humilhados.

Já vi também casos de alunos que sempre estiveram na lista e que adoeceram por conta disto. Esta situação ocorreu de duas formas. No primeiro caso, o aluno que sempre esteve na lista se sentiu incapaz e culpado quando percebeu que o seu nome não constava pela primeira vez na lista. O outro caso foi de um aluno que se sentia tão pressionado para se manter na lista que adoeceu e ficou afastado da escola por um mês.

Os casos que foram colocados aqui constituem situações que chegaram ao extremo. Devemos estar atentos ao fato de que muitos problemas que não chegam ao extremo podem estar acontecendo nas escolas e interferindo nas relações e no desenvolvimento do aluno enquanto pessoa. Imagine futuros adultos e profissionais que baseiam o seu valor pessoal em um número que é atribuído por outra pessoa. Se o número for baixo é capaz de a pessoa entrar em depressão.

Nestes casos, vemos claramente que o autoconceito foi afetado. Não podemos nunca associar o valor que temos de nós mesmos (auto-estima) a um único referencial, ainda mais quando este referencial é tão externo (resultados escolares, opiniões alheias, etc).

É evidente que os resultados de uma lista por si só não são capazes de produzir problemas tão grandes, o que nos leva a crer que se trata de um conjunto de fatores, que envolvem a personalidade, o autoconceito, as relações familiares e sociais de cada um.

AUTO-ESTIMA

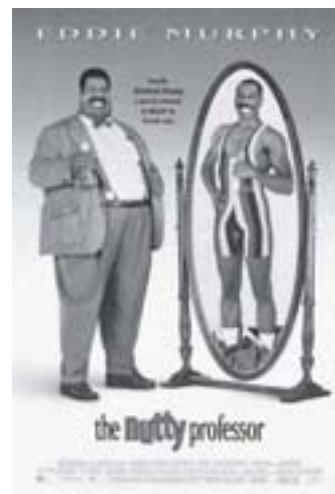
A auto-estima nada mais é que a avaliação que fazemos do nosso próprio valor. Aqui não estamos falando da soma das habilidades individuais da criança e sim da idéia geral que tem de si mesmo.

BEE (2003) nos mostra que uma forma simples de verificar a auto-estima de uma criança é perguntar a criança aquilo que ela gostaria de ser (*Self ideal*) incluindo aí todas as características, e depois verificando com ela como ela se vê em relação ao que queria ser (*Self real*). Se ela se aproxima do que considera ideal significa que tem uma auto-estima alta, se fica muito distante indica uma auto-estima baixa. Isto porque a criança se vê longe dos seus objetivos e isto a faz se sentir incapaz ou insegura. Estes resultados que nos foram demonstrados por Bee são da pesquisadora Susan Harter sobre auto-estima.

A autora nos mostra ainda que os princípios que norteiam a construção da auto-estima variam de acordo com a cultura, com o meio em que se vive, variando assim, os parâmetros de cada um. Alguns podem valori-

zar resultados escolares, outras habilidades física e esportivas, outros a coragem para o enfrentamento de perigos.

Se a cultura influencia na auto-estima, podemos dizer que as pessoas importantes e os grupos também marcam com sua influência. Pesquisas indicam que a auto-estima será maior nas pessoas que são queridas e aceitas Bee (2003). Esta informação é de grande valor, pois, sendo a auto-estima um elemento de grande importância para a pessoa, esta poderá fazer várias coisas para se sentir melhor, mesmo que sejam ações que vão de encontro às normas e regras sociais. Um exemplo que pode ser observado na escola é a cola. O aluno cola para garantir a nota azul e o reconhecimento de todos.



Se vendo magro.
(Fonte: <http://piero.jor.br>).

OS MISTÉRIOS DA DANÇA (REAÇÕES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO)

Ao ler o título deste tópico, caro aluno, “os mistérios da dança”, você pode estar se perguntando, do que se trata? O que isto tem a ver com o desenvolvimento das relações sociais?

Sim, caro aluno, é isto mesmo, não houve engano. É que uma das melhores maneiras de se começar a falar sobre o envolvimento entre as pessoas e as relações sociais é falando sobre a dança.

Você gosta de dançar? Sabe dançar? Estou me referindo especificamente à dança à dois e não daquela que você dança só, individualmente. Se você tiver a oportunidade observe uma dupla de dançarinos em ação, e poderá ver a harmonia dos passos e a leveza dos movimentos. Porém, se esta mesma dupla, no meio da dança, se separar e cada um buscar um novo par (desconhecido), os movimentos, a leveza e a harmonia não serão as mesmas.

Isto se dá, porque nesta situação é necessário que haja a construção de uma intimidade que favoreça o conhecimento de ambos, possibilitando assim o desenvolvimento de uma ligação baseada na segurança, confiança, no prazer e no fortalecimento da auto-estima. Estes requisitos são bem claros no filme *Dança Comigo* estrelado por Antônio Bandeira, em que um professor de dança de salão recupera a auto-estima e o interesse pelo estudo de alunos considerados como fracassados pela coordenação da es-



Dançando tango.
(Fonte: <http://www.cm-lagos.pt>).

cola. Este filme constitui uma das aulas do curso de Introdução à Psicologia da Aprendizagem.

Bee (2003) usa como exemplo esta ligação existente entre casais que dançam para explicar a ligação de um bebê com a sua mãe no momento em que estão interagindo. Com certeza você já teve a oportunidade de observar uma mãe (que não é sua conhecida) brincando com o seu bebê de colo. Eles interagem muito bem, demonstrando um grande envolvimento. Se neste momento você tentar chamar a atenção da criança, terá pouco sucesso já que a sua sintonia com aquela criança é zero. Ela pode rir e olhar para você, mas logo estará interagindo com a mãe.

Sabemos que o ser humano é um ser social, que necessita de relações para se desenvolver, mas, como surge esta condição de se relacionar? A necessidade é tão grande que podemos fazer a seguinte comparação: se o peixe nasce nadando, o ser humano nasce se relacionando.

Bee (2003) cita os trabalhos de Willard Hartup (1989), um dos maiores estudiosos desta questão, para afirmar que todas as crianças precisam passar e ter experiência em dois tipos diferentes de relacionamento, o do tipo vertical e o do tipo horizontal. Estes modelos de relação se repetirão em todas as relações futuras.

Estes tipos de relação foram comentados em outras aulas sob a visão de Moreno ao falar de vínculo e papéis. As relações verticais são aquelas em que há uma hierarquia (pai e filho, mãe e filho, chefe e empregado...), já as horizontais demonstram uma similaridade (irmãos, esposo e esposa, amigos...).

Não tem como falar de relações sociais sem falar de vínculo. Mas, antes de entrarmos neste assunto propriamente dito, vamos estudar um pouco sobre a teoria do apego. Você pode se questionar e pensar, mas apego não é o mesmo que vínculo? Bem caro aluno, não é tão simples assim. Analise seus vínculos e perceba que a alguns você desenvolve mais apego que a outros. Você também pode perceber que alguns vínculos só continuam a existir porque não há outra opção. Quer entender melhor? Vejamos o seguinte exemplo: com o seu companheiro ou companheira você tem um vínculo afetivo e por conseqüência, um apego. Com os seus amigos acontece o mesmo, mas, o apego varia de acordo com as pessoas envolvidas. Porém, em alguns casos você tem um vínculo (vamos tomar o vínculo profissional como exemplo) do qual não gosta e por isso não desenvolve apego, mas que tem que aprender a conviver. Deu para entender? Então vamos continuar.

TEORIA DO APEGO

Um dos maiores estudiosos do desenvolvimento do apego foi John Bowlby. Segundo Cole e Cole (2004), a sua teoria do apego foi desenvol-

vida a partir do estudo da situação de crianças britânicas que foram separadas dos pais no período da Segunda Guerra Mundial e que foram criadas em instituições de abrigo.

Bowlby analisou uma série de relatórios e documentos de orfanatos, hospitais, berçários comparando crianças que perderam os pais com outras que ficaram afastadas destes por longos períodos, além de ter realizado entrevistas com adolescentes e adultos que apresentavam problemas psicológicos ou comportamento delinqüente.

Os seus estudos revelaram informações de grande valor para o entendimento da saúde das pessoas a partir da forma como se relacionam com os demais. Bowlby constatou que há uma seqüência de comportamentos similares apresentados e observados em diversas crianças e que estas informações eram confirmadas por várias de suas fontes. Ele descreveu que:

Quando as crianças são, pela primeira vez, separadas de suas mães, tornam-se agitadas e medrosas. Choram, têm acessos de raiva, e tentam fugir de onde estão. Depois, passam para um estágio de desespero e depressão. Se a separação continua e nenhum relacionamento estável é formado, essas crianças parecem tornar-se indiferentes às outras pessoas. Bowlby chamou de desapego a esse estado de indiferença. (COLE; COLE, 2004, p. 255).

Lembra do filme o pestinha? Em várias passagens são exibidas cenas que retratam esta situação, principalmente o desapego. Entre as influências que Bowlby recebeu podemos citar os estudos de etologistas que pesquisaram a relação mãe-filho entre primatas. Estes estudos revelaram que entre os macacos há um contato físico constante entre mãe e filho entre as primeiras semanas e meses após o nascimento. Observou-se ainda que os bebês macacos apresentam reações instintivas que são de importância vital para o bebê humano tais como chorar, seguir, agarrar e sugar. A medida que vão crescendo elas vão se afastando para explorar o ambiente ao seu redor, mas correm para a proteção da mãe caso entendam que estão sob ameaça. Bowlby apostou que estes comportamentos formam a base filigenética do comportamento humano de apego (COLE; COLE, 2004).

VINCULO AFETIVO E APEGO

Ainsworth define um *vínculo afetivo* como “um laço relativamente duradouro em que o parceiro é importante como indivíduo único, e não pode ser trocado por nenhum outro. Em um vínculo afetivo, existe o desejo de manter a proximidade com o parceiro” (1989, p. 711). (BEE, 2003, p. 350).

O apego é uma subvariedade do vínculo afetivo em que o senso de segurança da pessoa está estritamente ligado ao relacionamento. Quando você está apegado, sente (ou espera sentir) especial segurança e conforto na presença do outro e pode usá-lo como uma *base segura* a partir da qual é capaz de explorar o resto do mundo. (BEE, 2003, p. 350).

John Bowlby acreditava que o apego se desenvolvia durante os dois primeiros anos de vida de uma pessoa e para tanto, passava por quatro fases neste período:

FASE PRÉ-APEGO: esta fase segue do nascimento até a sexta semana. Aqui o contato do bebê com os cuidadores é íntimo sendo marcado principalmente pela garantia do alimento e do conforto (aconchego). Nesta época, a criança não parece manifestar inquietação por ser deixada aos cuidados de um cuidador não familiar. Acredita-se que nestes casos possa ocorrer de ela não perceber a diferença.

FASE DE ESTABELECIMENTO DO APEGO: esta fase segue da sexta semana até os seis ou oito meses. Aqui as crianças começam a demonstrar reações diferenciadas com pessoas estranhas podendo apresentar sinais de apreensão diante destas.

FASE DO APEGO ESTABELECIDO: esta fase tem início entre os seis e oito meses e segue até os dezoito ou vinte e quatro meses aproximadamente. Podemos observar aqui que a criança demonstra um claro incômodo quando é deixado pelo seu cuidador (mãe, pai, babá...) apresentando perturbações descritas como ansiedade de separação.

Ao atingir esta fase a criança aprende a regular as suas relações a partir de elementos físicos e emocionais com qualquer objeto de apego. Observamos então, caro aluno, que quando a distância entre a criança e a figura de apego aumenta muito ocorre à ansiedade de separação. Neste caso é muito provável que uma ou outra queira reduzir esta distância e “assim como os bebês ficam perturbados se suas mães se afastam deles, as mães ficam perturbadas se seus bebês estão fora de sua vista.” (COLE E COLE, 2004, p. 255).

O que ocorre, caro aluno, é que a mãe passa a ser a referência de segurança e isto é proporcionado pelo apego existente entre os dois. Então, sempre que o bebê se afasta para explorar o ambiente e adquirir novos conhecimentos, ele termina voltando para a mãe, como que para sentir a segurança, antes de continuar com sua pesquisa ambiental. Os citados autores chamam a nossa atenção para o fato de que nestas fases de construção do apego, a responsabilidade da mãe é maior que a da criança, pois esta ainda se encontra num estado de grande limitação relativa à capacidade de interagir.

É importante que façamos aqui uma observação. Você, caro aluno, pode estar pensando o porquê de falarmos sobre a mãe e o bebê, a mãe como referência de segurança, a mãe como responsável maior pela manutenção do apego e nada do pai. Não é por uma questão de machismo e vocês vão entender porque a descrição foi feita desta forma.

Primeiramente devemos ressaltar que o pai tem tanta responsabilidade quanto a mãe no que se diz respeito à criação e a construção do apego, e, caso não se preocupe em fazê-lo, poderá sofrer no futuro as consequências de não ter construído vínculos fortes com o filho. A questão é que estamos diante de uma teoria que foi construída a partir de estudos que envolviam a criança só e a criança com a mãe. Isto, provavelmente, porque a figura da mãe, em grande parte das culturas, representa a cuidadora maior. Durante muito tempo a mãe cuidava dos filhos enquanto o marido saía para trabalhar.

Nos dias de hoje vemos mudanças acontecendo nesta dinâmica da família, aliás, muitas famílias atuais são comandadas por mães solteiras que além de criar tem que dar conta da renda familiar. É muito comum nos dias de hoje que os pais colaborem nos serviços de casa e ajudem na criação direta dos filhos.



FASE DE RECIPROSSIDADE DO RELACIONAMENTO: esta fase tem início entre dezoito e vinte e quatro meses e segue durante a vida. Esta fase é marcada pela condição cada vez maior que a criança tem de se manter por mais tempo afastado do seu cuidador, além de que a condição de manter o vínculo torna-se recíproco, ou seja, agora a criança também tem condições de alimentar de forma direta esta relação.

Bowlby nos mostra a idéia de que, com o desenvolvimento da capacidade de simbolizar da criança, esta transforma as idéias que possui sobre as relações com os pais num *modelo de funcionamento interno* que servirá de base para se relacionar com os próprios pais e com qualquer nova pessoa. Em outras palavras podemos dizer que estas relações iniciais servirão de parâmetro para as próximas.

Como os vínculos afetivos e os apegos são estados internos, não podemos vê-los diretamente. No entanto, deduzimos sua existência ao observar os *comportamentos de apego*, que são todos aqueles comportamentos que permitem a uma criança ou a um adulto conseguir e manter a proximidade em relação a uma pessoa a quem é apegada. Isto poderia incluir sorrir, fazer contato visual, chamar a outra pessoa do outro lado da sala, tocar, agarrar-se ou chorar (BEE, 2003, p. 350).

Devemos esclarecer que a força do apego existente entre uma criança e um adulto não deve ser medida pela quantidade de manifestações e sim pelo seu padrão de aparecimento nos contextos esperados (Bee, 2003). Como assim professor? É simples caro aluno. O comportamento de apego é iniciado a partir das suas necessidades, tanto de conforto, como de amparo, ou ainda, cuidados diversos. Este momento caracteriza um contexto esperado para surgir o comportamento de apego, constituindo assim um padrão. O que esperamos é que nestes momentos a criança recorra ao adulto, ou que o adulto recorra à criança. O problema é quando os contextos surgem e um dos dois, ou os dois, não reagem. Aí há um problema.

Já falamos aqui que os pais têm tanta responsabilidade na construção do apego com os filhos quanto a mãe. Bee (2003) nos mostram que algumas pesquisas foram realizadas com pais e bebês em culturas diferentes e perceberam homens e mulheres apresentam as mesmas reações fisiológicas diante do bebê na primeira semana de vida, e que, a partir das demais semanas, os homens tendem a manter um vínculo mais ligado a brincadeiras e algazarras enquanto que a mãe se dedica mais aos cuidados do dia-a-dia. Observou-se ainda uma variação deste comportamento em países diferentes, o que demonstra a interferência da cultura neste processo.



ATIVIDADES

Explique com suas palavras o que é vínculo afetivo e apego.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como vimos na definição apresentada o vínculo afetivo é uma ligação, ou um laço, que liga duas ou mais pessoas. Tem como característica o fato de que as pessoas vinculadas consideram a outra insubstituível e buscam sempre a aproximação. Já o apego, é uma variação do vínculo afetivo em que o relacionamento é o que garante a segurança e o conforto do indivíduo permitindo que este aprenda a explorar o mundo em que vive.

Uma observação que deve ser feita aqui é que esta interação não tem como motivação única os aspectos sócio-culturais, mas também, aspectos biológicos. Moreno (1997) nos mostra que ao contrário de outros mamíferos o bebê humano nasce despreparado para sobreviver. Ele de-

mora a andar, para aprender a buscar alimento, para manter a sua higiene, para se defender, entre outras coisas. O organismo humano completa a sua formação após o nascimento. Como já vimos em outras aulas, nascemos sem completar a formação óssea, a da pele, a do sistema respiratório, vocal, do sistema nervoso, muscular, etc.

Isto torna o bebê humano muito frágil provocando a necessidade de cuidados mais intensos por parte dos cuidadores.

HABILIDADES DE INTERAÇÃO

Como vimos, as crianças nascem prontas para serem cuidadas e isto parece provocar reações nos adultos da família. Bee (2003) nos mostra que o bebê sinaliza suas necessidades através do choro ou do sorriso, e os pais respondem com carinho, colo, alimento... É comum que os olhos se cruzem neste momento e altamente recomendado que no momento da amamentação a mãe se dedique unicamente a isto. É um momento especial em que a criança estreita seu contato com esta.

Outra observação feita pela citada autora é que há uma semelhança no comportamento dos pais com relação aos seus filhos em várias culturas e que são reproduzidas quase que de forma automática. São comportamentos como sorrir, abrir bem os olhos, erguer as sobrancelhas, e é claro, modificar o timbre de voz ao falar com um bebê.



Esta última é quase uma regra. É difícil encontrar um adulto que não modifique a voz quando fala com uma criança de colo. Alguns adultos chegam a trocar o “r” pelo “l” de algumas palavras achando que assim serão mais bem compreendidas. Este assunto foi abordado no filme “olha quem está falando” de uma forma bem cômica. Neste filme os bebês pensam como adultos, mas não sabem falar, e nós, telespectadores, podemos ouvir tudo que se passa nas suas cabezinhas. Em um determinado momento o bebê questiona o porquê dos adultos falarem com voz de bobo quando se referiam a ele.

Mesmo com esta facilidade que muitas pessoas tem de brincar com crianças, não se formam vínculos de apego com todas estas crianças. Já pensou se fosse assim? Criaríamos vínculo de apego a todo aquele que alimentasse esta relação. Vejamos o que diz Bee (2003, p. 352):

Para o adulto, o ingrediente crucial para a formação do vínculo parece ser a oportunidade de desenvolver uma sincronia real – praticar a dança até que os parceiros acompanhem a orientação um o outro de maneira fácil e prazerosa. Isto exige tempo e muito

exercício, e alguns pais (e bebês) se tornam mais hábeis do que outros. Em geral, quanto mais suave e predizível o processo se torna, mais satisfatório ele parece ser para os pais e mais sólido resulta o seu vínculo com o bebê.

Esta segunda etapa parece ser muito mais importante do que o contato inicial no nascimento para estabelecer um vínculo sólido dos pais com o bebê.

Você pode observar caro aluno, que na citação a autora se refere ao conteúdo como sendo esta uma segunda etapa. Ela está falando de dois momentos da construção do apego. Este da citação (segunda etapa) e a primeira etapa que diz respeito aos primeiros momentos e dias após o nascimento.

Para entendermos melhor esta primeira etapa é preciso saber que na década de setenta (1970) dois pediatras lançaram uma teoria em que afirmavam que o contato imediato e contínuo do bebê com a mãe após o parto favorecia uma melhor relação no futuro, enquanto que, as mães que tivessem este primeiro contato negado teriam maior dificuldade de estabelecer um vínculo forte com o filho no decorrer de suas vidas. Com isto, passou-se a considerar o contato imediato e intenso, após o nascimento, como a primeira etapa na construção do apego.

A questão é que estudos posteriores acompanharam diversas famílias e não comprovaram esta situação. Concluíram ainda que este contato intenso no início da vida interfere menos que a construção do apego nos dois anos que se seguem.

Não queremos dizer com isto, caro aluno, que o contato inicial não é importante, e sim, que os anos seguintes são mais significativos na construção do apego. Se não fosse assim, nenhuma criança que fosse adotada tardiamente conseguiria se vincular à nova família. A atenção é importante em qualquer fase do desenvolvimento de uma criança e a ausência desta pode acarretar em vários problemas no futuro, como a insegurança ou a dificuldade de demonstrar carinho.

De qualquer forma a teoria dos médicos trouxe algumas mudanças, tais como, a colocação de berços no quarto da mãe (no hospital) e a possibilidade da presença do pai no momento do parto.

MUDANÇAS DO APEGO NA IDADE PRÉ-ESCOLAR

Todos nós sabemos que a criança vai ficando mais independente à medida que vai crescendo, desenvolvendo suas funções cognitivas e amadurecendo o seu organismo. Estas mudanças afetam diretamente a forma

como o apego é exercido. Perceba bem, caro aluno, que na idade de dois ou três anos os comportamentos de apego são menos visíveis entre pais e filhos, o que não quer dizer que o vínculo diminui (BEE, 2003).

Acontece que agora a criança se sente mais segura, pois cognitivamente já são capazes de compreender, a partir da devida explicação dos pais, que a separação é temporária e que logo se reencontrarão. É isto que possibilita a criança sair tranquilamente para passear com os tios, sem a presença dos pais. É clara a diminuição da ansiedade de separação.

Esta mudança é gradativa e para que aconteça é preciso que a segurança com os pais seja reforçada sempre, mas de forma diferente. Como assim? É que a independência deve ser ampliada à medida que a criança vai se desenvolvendo. Se antes ela vivia no colo, agora ela deve ser encorajada a caminhar, se antes brincava sob os olhos dos pais, agora correm para longe e os pais correm atrás. Ainda assim, os pais devem demonstrar que continuam sendo um “porto seguro” mesmo que distantes. Se isso não acontecer às crianças terão maior dificuldade para se adaptar a ambientes em que os pais não possam estar, como a sala de aula por exemplo.

À medida que a criança vai entendendo que os pais continuam existindo como referência de segurança, mesmo quando ausentes, elas vão ganhando coragem e passam a assimilar os novos ambientes como seguros. Podemos ver algo assim na seguinte situação. O pai pede ao filho que vá a venda para comprar algo enquanto fica olhando. A criança vai, mas, a todo o momento olha para ver se o pai está lá. Com o tempo a criança se sentirá segura para ir sem que o pai fique vigiando.

É preciso ressaltar que a diminuição da ansiedade de separação não corresponde à diminuição do apego. Bee (2003) nos mostra que Bowlby descreve esta situação como uma correção que a criança faz em seus objetivos. Na fase pré-escolar a criança modifica suas idéias com relação a relacionamento e conclui que esta continua a existir mesmo com a distância. Elas buscam a autonomia, mas querem os pais por perto para recorrer a sua ajuda sempre que enfrentam uma situação nova ou mais complicada. A tendência é que os comportamentos de apego diminuam, mas como já colocamos aqui, isto não significa a diminuição do afeto.

Ao observarmos diferentes crianças veremos diferentes formas de manifestações. Imagine uma escola infantil no horário da saída. Os pais chegam para pegar seus filhos, alguns correm e pulam no colo destes, outros se aproximam chorando, outros continuam brincando como se os pais não estivessem ali. Isto acontece porque, segundo Bowlby, as crianças desenvolvem diferentes **modelos funcionais internos** com os pais e pessoas próximas. Todos eles mantêm o apego, mas cada um desenvolve de uma forma diferente (BEE, 2003).

A formação destes modelos internos tem início no final do primeiro ano de vida estando bem desenvolvidos ao final do quinto ano. Neste

Modelos Funcionais Internos

“O modelo funcional interno dos relacionamentos de apego inclui elementos como a confiança (ou falta dela) da criança na disponibilidade ou na confiabilidade da figura de apego, sua expectativa de rejeição ou afeição e sua certeza de que o outro é, de fato, uma base segura para exploração” (BEE, 2003, p. 359).

período a criança já possui um modelo interno dos seus pais ou cuidadores (para Freud seria o superego), um automodelo (representação de si mesmo) e um modelo de relacionamento. A tendência é que durante a nossa vida infantil tentemos recriar os modelos de relacionamento familiares nas novas relações (BEE, 2003). O problema, caro aluno, é que muitos de nós crescemos e continuamos querendo adaptar o outro à nossa forma de viver e esquecemos que o outro também tem a sua forma de viver. É aí que começam os problemas nos relacionamentos.



ATIVIDADES

Qual a importância para o desenvolvimento da criança que ela perceba os pais como fonte de segurança mesmo quando não estão presentes?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Com o crescimento da criança, a tendência é que ela sinta cada vez mais atração pela exploração do ambiente. É esta exploração que garantirá no futuro a condição de dar soluções para várias situações do mundo adulto. Se a criança só consegue sentir segurança perto dos pais ela terá dificuldade de se afastar, por outro lado, o afastamento será saudável percebe que continua vinculada aos pais (cuidadores) mesmo quando estes não estão presentes. Esta garantia deixa a criança tranquila para ir se afastando e ganhando o mundo.

A COLABORAÇÃO DE MARY AINSWORTH

Existem alguns teóricos que consideram as primeiras relações de apego como fundamentais para se garantir bons relacionamentos futuros. É o caso de Erikson, conhecido de outras aulas, que descreve a primeira fase do desenvolvimento psicossocial da criança como sendo o estágio de confiança x desconfiança. Porém, vamos falar aqui de uma outra pesquisadora, vamos falar das contribuições de Mary Ainsworth.

Bee (2003) cita Ainsworth por conta dos seus estudos realizados na área do apego que, atualmente, servem de base para estudos em várias partes do mundo. Em seus estudos foram detectados o apego seguro e dois outros tipos de apego inseguros. A estes três acrescenta-se outro tipo de apego que foi estudado por uma pesquisadora de nome Mary Main.

Para entendermos melhor, vejamos a descrição dos quatro tipos de apego na tabela que se segue e que foi obtida em Bee (2003, pg. 360). Esteja atento, pois as três primeiras descrições são de Ainsworth e a última de Main.

CARACTERIZAÇÃO DE APEGO SEGURO E INSEGURO NA SITUAÇÃO DESCONHECIDA DE AINSWORTH	
Seguramente apegada	A criança separa-se com facilidade da mãe e logo se absorve na exploração; quando ameaçada ou assustada, a criança busca contato de modo efetivo e é consolada sem dificuldades; ela não evita nem resiste ao contato se a mãe o inicia. Quando reunida com a mãe após uma ausência, a criança a saúda de forma positiva ou é acalmada com facilidade se está perturbada. Prefere claramente a mãe à pessoas desconhecidas.
Inseguramente apegada (desinteressada/evitante)	A criança evita o contato com a mãe, sobretudo na reunião após uma ausência. Não resiste às tentativas da mãe de fazer contato, mas não busca muito contato. Não demonstra nenhuma preferência pela mãe em comparação à pessoa desconhecida.
Inseguramente apegada (resistente/ambivalente)	A criança explora pouco e desconfia de pessoas desconhecidas. Fica muito perturbada quando separada da mãe, mas não se acalma com a volta da mãe, ou com suas tentativas de tranquilizá-la. A criança tanto busca como evita o contato, em momentos diferentes. Pode demonstrar raiva em relação à mãe quando se reúne com ela e resistir tanto ao contato como ao conforto da pessoas desconhecida.
Inseguramente apegada (desorganizada/desorientada)	Comportamento entorpecido; confusão ou apreensão. A criança pode apresentar, ao mesmo tempo, padrões de comportamento contraditórios, tal com se aproximar da mãe enquanto evita o seu olhar.

Segundo a citada autora, para se desenvolver um apego seguro necessita-se mais que amor e afeto, é necessário que se desenvolvam respostas adequadas por parte dos pais que sintonizem com os sinais emitidos pela criança: responder com um sorriso ao sorriso da criança, conversar com a criança quando esta estiver emitindo sons, pegar no colo quando estiver chorando, etc. O objetivo é desenvolver a sincronia, a mutualidade e a responsividade contingente.

CONCLUSÃO

Esta é uma aula que marca o estudo da formação psíquica do ser humano, e a partir dela podemos concluir que é de extrema importância estarmos atentos a esta etapa do desenvolvimento dos nossos alunos e filhos. Isto porque se trata da construção do autoconceito e da auto-estima, elementos fundamentais para a boa relação da pessoa com o mundo e para a construção de um futuro com mais chances de sucesso e dignidade.

Com o que foi visto nesta aula podemos concluir que o apego é um tipo de vínculo que garante a saúde dos relacionamentos da pessoa. É com o apego que aprendemos a construir e desenvolver afetos. A responsabilidade dos pais, ou dos cuidadores, é grande, pois são eles que direcionam a forma como este vínculo se dará. A segurança de todos nasce aí.

Devemos lembrar também que o professor, por participar diretamente da vida e da formação do aluno, tem grandes responsabilidades no fortalecimento ou no enfraquecimento do autoconceito, da auto-estima e na manutenção do apego.



RESUMO

Na aula de hoje tivemos como tema principal o surgimento do self e a construção do apego. A primeira é uma palavra que não possui tradução para o português mas é entendida como “si mesmo”. Muitos são os pesquisadores que estudam e que estudaram este conceito, contribuindo para o melhor entendimento do ser humano em desenvolvimento.

Um dos principais estudiosos do assunto foi William James que dividiu o self em subjetivo, que nos garante a consciência de existência, e o objetivo, que garante o reconhecimento de nossas qualidades e características. O autoconceito é construído de acordo com o self objetivo e a avaliação que fazemos do nosso autoconceito é chamada de auto-estima,

que pode ser considerada alta ou baixa de acordo com os parâmetros de cada um e da sociedade em que vive.

Com relação ao segundo tema desta aula vimos que desde o nascimento há a necessidade da construção de uma intimidade particular entre os pais e o bebê. Esta intimidade é proporcionada pelo apego que é um tipo de vínculo pelo qual se transmite a sensação de segurança e conforto, e é sentido tanto pela criança quanto pelos seus cuidadores.

O comportamento de apego vai diminuindo com o tempo na medida em que a criança vai ganhando independência e desenvolvendo condições de resolver seus problemas sem a ajuda dos pais. Com isto a criança vai construindo vínculos com outras pessoas e com outros ambientes. Quando os pais não correspondem de forma satisfatória aos sinais que a criança emite, pode ocorrer o desenvolvimento de um vínculo baseado na insegurança e na indiferença, o que será péssimo para este relacionamento no futuro como também para a construção de outros relacionamentos.

AUTO-AVALIAÇÃO



- Na aula de hoje consegui entender a diferença existente entre o *Self* e a personalidade?
- Percebi a trajetória percorrida do período de indiferenciação até o amadurecimento do *Self*?
- Aprendi a diferenciar as características do *Self* “eu” e do *Self* “mim”?
- Entendi a evolução dos esquemas para o autoconceito, e daí para a formação da auto-estima?
- Como ficou para mim a explicação da relação da mãe com o bebê? Realmente é algo tão forte assim? Será que percebo no bebê um ser tão necessitado de atenção?
- Como entendo a questão da importância dos relacionamentos para o ser humano? Compreendo que o bebê não pode viver isolado?
- A explicação dada sobre apego foi suficiente para esclarecer as minhas dúvidas?
- Compreendi que os adultos tem grande responsabilidade na socialização da criança?
- Sei que a qualquer momento posso recorrer aos tutores e à internet, estou fazendo isto?



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula continuaremos a estudar os processos de socialização de uma forma mais específica. Abordaremos alguns temas afins como os sentimentos, a empatia e as emoções. Focalizaremos também aspectos que envolvem a construção e a estruturação das amizades, além de observarmos o funcionamento do grupo familiar em relação à criança, como eles interagem, o que modifica. Veremos algumas teorias que trazem explicações sobre o funcionamento dos grupos como a Teoria de Sistemas, a Teoria Ecológica e a Teoria Socionômica. Até lá!

REFERÊNCIAS

- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MORENO. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1997.